



TRAJETÓRIAS DE BENZEDORES NEGROS AO SUL DO BRASIL

Lorena Almeida Gill¹

Em 2009 teve início, junto ao Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas (NDH/UFPel), um projeto de pesquisa que visava, sobretudo a partir das narrativas dos trabalhadores, observar o cotidiano daqueles cujos ofícios estavam em vias de desaparecer, analisando como o processo de industrialização provocou a exclusão desses profissionais do mercado de trabalho.

Dentre esses ofícios manuais constavam relojoeiros, pescadores artesanais, alfaiates, afiadores de faca, chapeleiras, sapateiros, parteiras e benzedoras. Como metodologia do projeto, foram utilizadas a pesquisa documental em arquivos, principalmente no acervo da Justiça do Trabalho da comarca de Pelotas, entre os anos de 1941-1990, e também a história oral temática, que tem a preocupação em construir narrativas com pessoas sobre um assunto determinado, neste caso a trajetória profissional daqueles que percebiam a cada dia mais presente a possibilidade da extinção de alguns ofícios que praticavam no mundo do trabalho.

O acervo da Justiça do Trabalho, que está sob a guarda do NDH desde o ano de 2004, é composto por mais de 100 mil processos, os quais formam a documentação mais completa desse tipo existente em uma cidade do Rio Grande do Sul, tendo em vista que muitas comarcas se utilizaram da Lei 7.627, de 10 de novembro de 1987, a qual facilitou aos Tribunais de Trabalho a eliminação dos chamados autos findos, após cinco anos do arquivamento do processo.

Nos processos são observados os motivos, as reclamações, o período de duração, os vínculos sindicais, se existe atestado de pobreza, os advogados das partes, os reclamantes e reclamados, a existência ou não de acordo, o desfecho, além de informações de ordem pessoal. Anexos aos

¹ Professora Associada da UFPel. Mestrado em História e Sociologia



processos são encontrados materiais diversos utilizados como provas, tais como: atestados médicos, recibos de farmácias, estatutos de empresa, jornais, dentre eles o Diário Oficial, cartas e telegramas.

No que diz respeito à história oral temática, a construção das narrativas se dá a partir de um roteiro básico de perguntas, bastante flexível, o qual, nesse caso, aborda prioritariamente a história das experiências. Conforme Alberti (2004, p. 25): “Entrevistas de história oral podem ser usadas no estudo da forma como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas”. Tendo em vista a atuação dos benzedores, é possível se pensar fortemente também na história oral como um registro de tradições culturais (ALBERTI, 2004).

Logo nas primeiras saídas de campo, percebeu-se que a benzedura não se caracterizava como um “ofício em vias de desaparecer”, tendo em vista que ainda era comum ser encontrados benzedores e benzedoras, em suas diferentes matizes, em cidades pequenas e médias, mas, pela singularidade do relato, optou-se por registrar os seus depoimentos, os quais gravados e filmados somam dezoito entrevistas.

Em Pelotas, foram encontradas, três motivações principais para o ato de benzer. Alguns narradores se referem a possuir um dom inato, revelado em algum momento especial de suas vidas, geralmente ligado à dor; existem aqueles rezadores que se vinculam à religião, especialmente a espírita umbandista e outros se relacionam ao que se poderia mencionar como saber geracional e podem ser chamados de benzedores tradicionais. Note-se, no entanto, que esta é uma classificação simplista, que tem como único objetivo buscar uma espécie de organização, a fim de facilitar o entendimento do texto.

As rezas podem se relacionar àquilo que os narradores chamam de simpatia, como a prática contra a bronquite, por exemplo; a uma benzedura, com orações direcionadas a uma doença em específico, cujo espectro do tratamento sempre se dará em números ímpares e ainda há o serviço, quando a demanda é um pouco mais difícil, exigindo um esforço maior do rezador.

Com relação aos benzedores, foi fundamental a filmagem das entrevistas, já que, segundo Candau (2011, p. 119):

A aquisição de uma identidade profissional, ou, mais genericamente, de uma identidade vinculada a poderes e saberes não se reduz apenas a memorizar e dominar certas habilidades técnicas: ela se inscreve, na maior parte dos casos, nos corpos mesmos dos indivíduos.



Muitos dos atos dos benzedores se vinculam ao que se poderia pensar como memória compartilhada, uma vez que o aprendizado se dá através da repetição de saberes, não de forma automática, mas a partir de variações necessárias a cada nova conjuntura (CANDAU, 2011).

A benzedura é uma atividade presente nas zonas rurais ou periféricas das cidades, porque seus praticantes estão próximos daqueles que devem atender. Suas experiências revelam uma sabedoria construída por meio da tradição oral. Como as ações são simples, embora cobertas de segredos e de rituais, servem para apaziguar corpos que se sentem enfermos, mediante a fé em um ato simbólico. Tais ações nunca estiveram realmente extintas, pois são parte integrante da religiosidade popular, que procura nelas o alívio de males ou o apoio a questões que as afetam.

Uma outra questão relevante a ser discutida é que não são só mulheres aquelas que benzem. Alguns homens também se dedicam a reza, sobretudo, para a manutenção da atividade produtiva, ao benzer animais, carros, tratores, por exemplo, mas são muitos os que também enfocam o cuidado das pessoas.

Todos os entrevistados são enfáticos ao afirmar que não basta que tenham fé no ato, mas que tal sentimento deve estar presente naquele que recebe a benzedura. Esta questão lembra o caráter mágico do ato simbólico, expresso por Lévi-Strauss (1975, p. 195).

Não há, pois, razão de duvidar da eficácia de certas práticas mágicas. Mas, vê-se, ao mesmo tempo, que a eficácia da magia implica na crença da magia, e que esta se apresenta sob três aspectos complementares: existe, inicialmente, a crença dos feiticeiros na eficácia de suas técnicas; em seguida, a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; finalmente, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam a cada instante uma espécie de gravitação no seio do qual se definem e se situam as relações entre o feiticeiro e aquele que enfeitiça.

Os benzedores falam sobre a melhoria na qualidade da saúde daqueles que atendem; os assistidos contam fatos que ratificam a competência do atendente e, inclusive, dentro da comunidade, as pessoas se reconhecem, indicando os cuidados possíveis e atestando a idoneidade de quem os pratica.

Tendo em vista os limites de uma comunicação, serão aqui apresentadas três narrativas diferentes: duas de mulheres e uma de um homem negro. A primeira é a de Maria da Conceição Pereira Amaro, 71 anos, a qual pratica a Umbanda há 35 anos, em um centro denominado de



“Tenda de Umbanda Caboclo João das Matas”, localizado na Vila Castilhos, em Pelotas, RS, Brasil. A cidade de Pelotas possui mais de duzentos centros de umbanda cadastrados.

Sua rotina de trabalho semanal inclui atendimentos nas terças e sextas-feiras, por intermédio dos espíritos da Vó Rita e do Caboclo Ventania e nas quartas-feiras, ocorre a abertura da terreira, no período entre 19h e 30 min. e 21h e 30 min.

Trata-se de um centro onde se reúnem 68 filhos de corrente, além de dezenas de pessoas que procuram o espaço para realizar serviços, benzeduras e tomar passes.

O contato com a benzedura deu-se de duas formas diversas para dona Maria Amaro: ainda adolescente, aprendeu o ofício quando viu sua cunhada ser benzida por outra mulher. Já dentro da religião teve a sua formação realizada por Dona Maria Verena, já falecida, que coordenava a “Tenda de Umbanda Nossa Senhora dos Navegantes” e que possuía filhos de religião. Dessa maneira, benzer é uma rotina diária, que executa em vários momentos do dia, assim como é uma prática que viabiliza quando está incorporada. Segundo ela, aquilo que aprendeu durante a vida, procurou ensinar a sua filha, que hoje já cuida da terreira e do seu cotidiano em alguns dias da semana.

Dona Maria da Conceição benze para os mais diversos problemas de saúde como doenças de pele, espinhela caída e mau olhado. Uma de suas práticas mais interessantes, no entanto, é a simpatia para a bronquite. Ela benze com lesmas, durante três sextas-feiras, preferencialmente sendo uma delas a sexta-feira santa. Segundo Maria da Conceição, a gosma que a criança ou o adulto tem no peito é a mesma que a lesma possui. O ritual consiste em passar a lesma no peito e nas costas do adoentado, proferindo rezas de modo a retirar a secreção existente e proporcionar a cura para o mal.

[...] Eu trabalho com uma lesma! A gente passa na criança a lesma e a gente diz umas palavras, e depois a criança tem que tomar um chazinho de figueira branca com graça provada. São três sextas-feiras que eu faço, e tem curado gente! [...] Sextas-feiras que não esteja chovendo! E na semana santa eu faço, semana santa também! [...] É porque aquela gosma, que a criança tem é a mesma que a lesma tem, a lesma não tem aquela gosma? Então a gente põe na criança e diz umas palavras. Aqui próximo! (região do peito) Aqui, e nas costinhas! E tomo o chazinho da figueira branca, eu tenho inclusive a figueira branca aqui no pátio. É como se aquela gosma da lesma absorvesse! [...]



Diz não haver médico que cure bronquite, pois a melhora desse mal se vincula a simpatias. Ao reforçar a correção de seus atos, relata que inclusive curou o filho de um médico, pois este o levou para ser tratado por ela durante três encontros.

A segunda entrevista a ser apresentada foi com Joana Barbosa de Souza, que na ocasião tinha 73 anos, sendo natural de Pelotas. Ela praticava o batuque², ou seja, possuía uma terreira na qual estavam presentes diferentes orixás e cujo funcionamento se dava aos sábados.

Segundo Joana, jamais teve formação específica para começar a benzer, ato que iniciou aos 19 anos, sozinha, “com o poder lá de cima” e que sempre praticava desincorporada. Tentou ensinar a prática da benzedura para duas meninas de sua relação de parentesco, mas estas não demonstraram vontade de prosseguir com o ofício, o que para ela demonstra que não tinham o dom.

Dona Joana trabalhava com a ideia que a benzedura é um dom, o qual deve ser aperfeiçoado:

[...] Só com aquele poder lá de cima. Graças a Deus! Nunca ninguém me ensinou a benzer nada! Nada! Nem de olho grosso, nem de quebrante, nem de sapinho, nem de encalho, nem de espinhela caída. Nada, nada, ninguém me ensinou. [...] Quando eu me desenvolvi na umbanda! Aí quando mais desenvolve [...] Na umbanda me aprontei, aí a gente vai atendendo. Quanto mais gente a gente atende mais evolui a mente. Parece mentira, mas é verdade! [...] Mas é, ninguém me ensinou a benzer. Ninguém mesmo me ensinou a benzer! [...] Benzedura é um dom que Deus dá [...].

A benzedora, embora tivesse uma forte ligação com a religião espírita, reforçou em sua narrativa, a perspectiva de que não poderia não benzer, não rezar pelos outros, pois tratava-se de uma obrigação. Ratifica, nesse momento, a ideia de Caillé (2002, p. 9), quando este afirma que:

O dom é sempre mais ou menos forçado, instituído, obrigação que se tem como herança ou como compromisso. Eis aí a sua dimensão sociológica. Mas essa obrigação é obrigação de alcançar a espontaneidade, de testemunhar sua liberdade e forçar o outro a afirmá-la também, obrigação de criação e de inovação. Aqui se pode ver onde a sua dimensão metafísica é mais abrangente que o seu enraizamento sociológico.

² É importante que se diga que embora as duas religiões sejam de matriz africana, o batuque cultuária de forma específica os seguintes orixás: Bará, Ogum, Iansã, Xangô, Odé, Otim, Ossaim, Xapanã, Obá, Oxum, Iemanjá e Oxalá; já a umbanda estaria relacionada aos pretos-velhos, aos caboclos e aos exus (Kosby, 2009, p. 12). Segundo a mesma autora, o termo “terreira” é usado tanto para as casas de religião, quanto para as cerimônias praticadas nestes locais. Para Oro (2002), as primeiras “terreiras” do RS provavelmente surgiram em Rio Grande e Pelotas.



Embora rezasse para combater a espinhela caída, o encalhe, o olho grosso, a dor de dente, o osso torcido, admite que algumas doenças e mal-estar podem ser combatidos com benzedura, mas outras apenas com serviços específicos para o fim. A benzedura não pode ser cobrada por ser uma dádiva recebida; já o serviço requer um pagamento, sobretudo em função do material gasto.

Por fim, será aqui comentada a entrevista com o senhor Geovegildo da Silva, o qual foi um benzedor de tradição, que atuou até os 93 anos de idade, na Cascata, zona colonial de Pelotas.

Segundo sua narrativa:

[...] A minha mãe benzia pra... Benzia, chegava as pessoas pra benzer; benzia dor de dente; dor de tudo, de ar, de sol. E eu, com a minha irmã mais velha, começava a espiar ela benzendo. E começava a benzer também! E segui benzendo, depois a minha mãe me ensinou algumas coisas, outras outros me ensinaram. Benze um cobreiro, benze um quebrante, a pessoa tá com quebrante. Mas eu não uso o meu nome pra benzer, tem que grita o nome da pessoa. Então, eu benzo por nome... Se fulano tá, se ciclano tem, se tem mau jeito, se é nervo rendido, se é de mau o que, se é mau jeito. A gente costura, então aí costura e pergunta pra pessoa: O que coso? Então ela responde: Mau de mau jeito, nervo rendido, veia laciada. Então eu digo aqui, eu tenho que costura com linha virgem, com uma linha assim que não fosse usada, em pano e tudo... Costura então! [...] Como se tivesse operando! Eu comecei era bem pequeno, primeiro comecei na farra, depois foi indo. Depois vi que dava, que não é todos que dá pra benzer! Eu tenho até ensinado muitos e não adianta né, não é pra coisa. Experimenta e não dá! [...]

Na benzedura de tradição o ato de curar está mais centrado no benzedor, o que exclui o trabalho de entidades e faz com que esta figura seja investida de uma grande autoridade durante o processo. Os elementos presentes nos rituais variam de acordo com as moléstias, sejam elas físicas ou espirituais, mas, na maioria das vezes são usados: ramos verdes, copo com água, brasas, tesoura, linha, agulha e tecido virgem.

Ainda que seja o tipo de benzedura mais difícil de ser encontrada, é possível pensar nas palavras de Giddens (2000, p. 54) quando assim diz:

[...] É inteiramente racional reconhecer que as tradições são necessárias numa sociedade. Não deveríamos aceitar a ideia do Iluminismo de que o mundo deveria se desvencilhar por completo da tradição. As tradições são necessárias, e persistirão sempre, porque dão continuidade e forma a vida.

As tradições evoluem com o tempo (GIDDENS, 2000), mas no caso dos benzedores, a maior dificuldade tem sido encontrar pessoas dispostas a aprender rituais que são repassados de geração a geração.



Conclusão:

Os benzedores negros estão presentes nas três tipologias abordadas: religião, dom e tradição, ainda que, em sua maioria, na primeira.

Embora se tenha detectado algumas práticas específicas para cada benzedor, fica evidente que tais atos interagem através de características em comum. A visão que os entrevistados têm do seu papel social é a de “missão”, ou seja, pretendem ajudar ao próximo na cura, alívio ou eliminação de determinadas moléstias. É comum que os benzedores façam trabalhos filantrópicos como a doação de alimentos, roupas e remédios, já que a caridade e o cuidado viriam em primeiro lugar. Na maioria das terreiras de umbanda visitadas há, por exemplo, o recolhimento de alimentos, sobretudo para a organização de festas, como a de Cosme e Damião, na qual as crianças são as protagonistas.

A fé é um elo entre a benzedor e o paciente, uma vez que os entrevistados a mencionam como o principal elemento da cura, assim o ato de benzer não é somente de responsabilidade daquele que está praticando a ação, mas também de quem a procura.

Os rituais assemelham-se. Os benzedores proferem palavras/rezas que se repetem sempre três vezes ou em números múltiplos de três. Sobre o misticismo que envolve este número, os entrevistados não sabem responder, afirmando que aprenderam assim, porém, para a numerologia o número três representa o “equilíbrio”, a ordem natural e, ainda para a religião católica vem associado à Santíssima Trindade, conferindo um caráter sagrado ao ato.

Ainda que as palavras proferidas iniciem em um tom audível, terminam como expressões sussuradas, em um tom tão baixo, que algumas vezes lembra um canto, cuja rima principal se relacionam às palavras Deus. Deixam implícito que não caberia a um não-iniciado compreender aquilo que diziam, já que, de alguma forma, estava vinculado a uma dádiva sagrada.

Eles utilizam elementos da natureza tanto para o processo quanto no tratamento com receitas feitas com ervas, partes de animais, chás naturais, xaropes. Por questões culturais, a mulher está mais vinculada ao ato de “cuidar do outro”, talvez esta seja uma hipótese a explicar porque há mais



mulheres do que homens benzendo, porém os mecanismos e os rituais praticados por homens e mulheres são praticamente os mesmos.

Na construção da narrativa dos benzedores há outros pontos de aproximação como aquele relacionado ao respeito pelo atendimento médico. Os três relataram que, em certos casos, são procurados antes; em outros, depois da visita a um profissional da área da saúde. Não percebem, em sua maioria, que exista oposição entre as práticas, mas sim complementaridade.

Os discursos proferidos permitem pensar sobre a questão da autoridade do saber científico de modo mais específico. Segundo BOURDIEU (1998) a sociedade é constituída por campos, que disputam o poder entre si. Os agentes sociais buscam, através da ampliação de capital simbólico, alcançar reconhecimento, o que lhes proporciona poder e legitimidade frente aos demais. O diploma médico, sem dúvida, é uma forte expressão desse capital simbólico, mas o fato de diplomados procurarem por pessoas que praticam atos mágicos, que na maior parte das vezes não compreendem, reforça sua importância dentro da sociedade, fazendo com que certas práticas passem a ser reconhecidas como necessárias e prenes de respeito social.

Em toda a construção da narrativa, dona Maria Amaro elenca pessoas importantes da cidade que a ela estariam vinculadas pela questão do cuidado. Tal fato é reforçado através da citação do nome de um médico que teria solicitado que seu filho fosse benzido por ela, conforme foi abordado. Joana de Souza também lista algumas profissões de seus clientes, destacando o fato de que, dentre eles, seis são médicos ou advogados. Já o seu Geovegildo relata a questão de que alguns médicos o indicam, porque há problemas que cabe unicamente aos rezadores resolver.

A maior diferença encontrada nas falas disse respeito ao pagamento do ato de curar, uma vez que apenas Joana Souza enfatizou o fato de que, para algumas doenças, não há benzedura capaz de frear o seu desenvolvimento e então seria necessário o serviço, o qual envolve gastos os quais o interessado necessita arcar.

As narrativas, em sua maioria, relacionadas à religião espírita, conforme já abordado, revelam a história de pessoas que abdicaram de vários momentos de suas vidas para se dedicarem ao cuidado dos outros, por acreditarem que esta é a sua principal missão de vida.



Fontes orais:

Entrevista realizada com a senhora Joana Barbosa de Souza, no dia 21 de janeiro de 2010, na casa dela, no bairro Areal de Pelotas (RS). Entrevistadores: Lóren Rocha e Marciele Vasconcellos. Acervo do Laboratório de História Oral, UFPel.

Entrevista realizada com a senhora Maria Amaro, no dia 13 de janeiro de 2010, na casa dela, na zona central de Pelotas. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill, Lóren Rocha e Marciele Vasconcellos. Acervo do Laboratório de História Oral, UFPel.

Entrevista realizada com o senhor Geovegildo da Silva, no dia 19 de abril de 2010, na casa dele, na Cascata, 5º distrito de Pelotas. Entrevistadores: Lorena Almeida Gill, Lóren Rocha e Marciele Vasconcellos. Acervo do Laboratório de História Oral, UFPel.

Referências bibliográficas:

- ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar*. Textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- CAMARGO, Candido P. *Kardecismo e umbanda*. São Paulo: Pioneira, 1961.
- CANDAU, Joël. *Antropologia de la memoria*. Buenos Aires: Nueva Visión 2002.
- FERNANDES, Tânia. *Plantas Mediciniais: memória da ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- FIGUEIREDO, Betânia. *A Arte de Curar: Cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Vício da Leitura, 2002.
- GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.



KOSBY, Marília. “Se eu morrer hoje, amanhã eu melhoro”. Sobre afecção na etnografia dos processos de feitura da *pessoa de religião* no Batuque, em Pelotas/RS. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Pelotas, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. In: *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro. *Tempo Brasileiro*, pp. 193-213, 1975.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. *O que é medicina popular*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MEIHY, José e HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

ORO, Ari Pedro. Os negros e os cultos afro-brasileiros no Rio Grande do Sul. in: LEITE, Ilka B. (org.). *Negros no sul do Brasil - invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996, p. 147-157.

ORO, Ari Pedro. Religiões Afro- Brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. *Estudos Africo-asiáticos*, v. 24, n. 2, Rio de Janeiro, 2002. Acesso em 25 de janeiro de 2013.

PRANDI, Reginaldo. 1989. As religiões negras no Brasil. In: Dossiê Povo Negro 300 anos. *Revista da USP*, nº 28. São Paulo, 1989, p. 65-83.

SOARES, Márcio. 2001. Médicos e mezinheiros na Corte Imperial: uma herança colonial. In: *História, Ciência, Saúde*. VIII (2), 2001, p. 407-428.

SCHRITZMEYER, Ana Lúcia. *Sortilégio de Saberes*. Curandeiros e juízes nos tribunais brasileiros (1900-1990). São Paulo: IBCCRIM, 2004.

QUINTANA, Alberto M. *A ciência da benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. São Paulo: EDUSC, 1999.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: NOVAIS, Fernando (org). *História da Vida Privada no Brasil*, vol. 3 – República, da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 49-131.